

HIP HOP: DISCURSOS EM FORMA DE VERSOS, EDUCAÇÃO ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Renata Carvalho da Silva¹; Denise Helena Pereira Laranjeira e Ivan Faria³

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: renata_uefs@yahoo.com.br
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: denise.laranjeira@gmail.com
3. Co-orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: if100@ig.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Hip Hop, Educação, Educação Não-Formal

INTRODUÇÃO

A cultura *Hip Hop*, uma mistura que envolve *rap*, dança, *dj*, *grafiti* e ativismo político, tem sua gênese ligada aos grupos sociais de jovens negros e pobres das periferias dos Estados Unidos da década de 1970 (MACA, 2005). O movimento *Hip Hop* emergiu das categorias subalternas da sociedade estadunidense e em seu contexto trouxe a eminência política/comunicativa como via de expressão. Tomou sentido nas vozes de jovens pelo mundo e agora é ressignificado de acordo com a representação e identificação social de cada realidade. Os sujeitos participantes dessa realidade assumem as representações simbólicas daquilo que vivem. O seu modo de vestir, a gíria presente em sua fala, seu comportamento e personalidade, são traços de uma vivência por eles experimentada. O *rap*, o *break*, o *grafite*, e as varias intervenções artísticas advindas desse “estilo de vida” singular, expõe o cotidiano da periferia, lugar este marcado por relações sociais muito próximas, no que se refere às vivências de uma mesma realidade, e historicamente marcado pela exclusão social. Ao mesmo tempo nesse espaço de dificuldade, estes jovens, conseguem subverter uma lógica segregacionista e transformar os problemas sociais enfrentados por eles em protesto em forma de poesia, através da rima do rap.

A pesquisa intitulada *Hip Hop: discursos em forma de versos, educação além dos muros da escola*, esta inserida no projeto “Juventude, escolarização e inserção social: um estudo em diferentes contextos da rede pública de educação do município de Feira de Santana”, coordenado pelo NETTE - Núcleo de Estudos e Pesquisa: Trabalho, Trajetórias e Educação, sediado no Departamento de Educação da UEFS. Esta pesquisa parte da reflexão entre a relação da cultura *Hip Hop* e a educação, inserindo-se no campo de estudo sobre as chamadas “culturas juvenis”. Assim, este trabalho pretende problematizar as vivências que expressam tanto os aspectos da criação e manifestação artística quanto dos elementos de tensão presentes na relação do jovem com o seu entorno e o contexto escolar.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a relação entre jovens moradores da região periférica de Feira de Santana e a sua identificação com a cultura *Hip Hop*. Dentro dessa perspectiva, o presente trabalho busca responder as seguintes questões: Quais discursos são estabelecidos através das atividades culturais promovidas por esses jovens? Em qual contexto eles estão inseridos? Como se identificam os sujeitos que se relacionam com a

cultura *Hip Hop*? Como a cultura *Hip Hop* esta presente na escola? Assim, é possível perceber que existem conflitos entre as perspectivas almejadas pela Escola e o que efetivamente os jovens participantes da cultura *Hip Hop* “vivem” e seleciona enquanto significativo para sua aprendizagem.

A intencionalidade subversiva encontrada na maioria das letras do *rap* se torna potencialmente um instrumento de crítica ou denúncia de ordem social e sua relação com a escola, enquanto espaço de formação. Esta, nem sempre é um ambiente “acolhedor” da diversidade, na qual os sujeitos são pensados como produtores de cultura e de ambientes educativos (WELLER, 2004). Dessa forma, os ambientes de organização e socialização do *Hip Hop* vão se constituindo também como um espaço não-formal de educação, promovendo através das manifestações artísticas formas de auto-expressão e ressignificação da realidade desses jovens.

METODOLOGIA

A presente pesquisa teve no seu primeiro momento, um breve mapeamento do cenário *Hip Hop* em Feira de Santana, identificando os grupos de jovens que participam desta cultura. Foi realizado um levantamento inicial de informações via Internet, por meio de sites de rede social, como comunidades virtuais e sites de música.

Após a pesquisa na web, alguns grupos de *rap* e *break* foram identificados. Desses grupos, o Efeito Zumbi foi selecionado como participante da pesquisa para fins de aprofundamento. Tal escolha se deu porque o grupo já desenvolve alguns projetos sociais na cidade de Feira de Santana, em parceria com movimentos estudantis e associações de bairro, também contam com uma política de intervenções, utilizando dos espaços públicos, como a Praça de alimentação, a UEFS e o Feira X para exposição de shows e dos projetos sociais. Através de uma conversa informal foram realizadas algumas perguntas que serviram para nortear o campo cultural do *Hip Hop* em Feira de Santana, tais como: Quanto tempo de formação tem o grupo? Como se deu essa formação? O grupo estabelece contato com outras bandas em Feira de Santana e região? Vocês têm relação com os grupos que se identificam ou produzem *Hip Hop* em Feira de Santana?

Depois do levantamento sobre o cenário cultural do *Hip Hop* na cidade, foi marcada uma entrevista com MC Léo, integrante do grupo Efeito Zumbi. Para esta conversa, foi utilizada uma entrevista não-estruturada com objetivo de explorar temas como relação com a escola, práticas educativas da banda, mecanismos de construção de identidade social e racial. Entendendo que, “nesse tipo de abordagem os participantes são vistos como pessoas que constroem seus discursos e baseiam suas ações nos significados derivados dos processos de comunicação com os outros, com quem compartilham opiniões, crenças e valores.” (FRASER; GODIM, p.145, 2004). Nessa perspectiva, os autores, discutem as técnicas de pesquisas enquanto um veículo de comunicação direta entre o entrevistado e entrevistador a fim de se perceber quais vivencias e percepções os sujeitos participantes trazem enquanto representação de mundo.

RESULTADOS

O mapeamento construído na primeira etapa da pesquisa permitiu a identificação de alguns jovens envolvidos com a cultura Hip Hop em Feira de Santana. O movimento *Hip Hop* na cidade já se expandiu e alguns grupos tem destaque no cenário musical da cidade como o Efeito Zumbi, Unidade de Guerrilha, Dinastia, Danganja, Exodus, Relatos Proféticos, Ministério Público, Urban Style Crew (dança) Master Crew (dança), Modo de Adorar, MC Onários e WSA. Alguns destes grupos tem atingido maior projeção, tendo sua obra veiculada em programas de rádio, como o *Evolução Hip Hop*, da Educadora FM. A partir desse levantamento acerca do cenário cultural do Hip Hop na cidade, e após a entrevista, com o integrante da banda Efeito Zumbi e conversas informais com MC L. Bboy da banda Unidade de Guerrilha foi feita a análise das informações obtidas, dialogando com a bibliografia estudada.

A banda *Efeito Zumbi* surgiu em 2005, mas a trajetória musical dos integrantes da banda teve início ainda na escola no ano de 2004, quando o atual vocalista da banda, juntamente com outros alunos do Colégio Estadual Yara Portugal decidiram criar o “Sistema Fodão”, uma banda de rock, inspirada em grupos como Planet Hemp, Raimundos, entre outros. Nessa época, a banda tinha outra proposta musical e política, e as questões sociais, que hoje são preocupações do grupo, não faziam parte das discussões da banda. Esta acabou se dissipando devido a problemas de articulação e organização, em decorrência da dificuldade de organizar ensaios e da aquisição de instrumentos musicais.

Para o líder do grupo, o espaço escolar favorecia a socialização e união dos alunos, mas por outro lado não facilitava uma reflexão referente à construção da identidade/valorização da cultura negra e nem mesmo reflexões acerca das relações étnico-raciais, preconceitos e a desigualdade social frequentemente presente na vida dos alunos. As discussões aconteciam pontualmente por alguns professores que contavam suas experiências particulares no que se refere aos preconceitos e desigualdades sociais vivenciados por eles.

Foi possível perceber que a escola, como é pensada atualmente, nem sempre é um ambiente “acolhedor” da diversidade, como também nem sempre é aberta as discussões sobre a identidade negra. Nesse caso, mesmo sendo uma escola periférica e tendo a maior parte de seu corpo discente composta por alunos negros e de uma classe social baixa, essas reflexões não eram privilegiadas dentro do espaço escolar, e quando existiam eram pautadas, apenas na constatação da existência do preconceito racial e não numa idéia de construção/valorização de uma identidade negra.

Foi de iniciativas de jovens ligados ao *hip hop* que surgiram iniciativas de discussão sobre identidade negra na escola. Alguns deles também participavam de outros espaços de formação não escolares. Eles também estavam ligados a movimentos estudantis, como a Revolta do Buzú e outras lutas contra o aumento da passagem.

A cultura *hip hop* parece tensionar os limites entre educação formal e não-formal, provocando discussões sobre a forma com que a escola acolhe as ditas “culturas juvenis” na sua amplitude e os limites da escola para a inserção social de jovens.

Segundo Gohn (2006) é na modalidade da educação não-formal que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. Lugares como, sindicatos, associações, grupos organizados e movimentos sociais, promovem intencionalmente uma consciência coletiva, partilhada e política, por meio desses espaços, se promovem os ambientes de interação e socialização dos grupos, que compartilham conhecimentos e ideais, os quais todos aprendem e todos ensinam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a relação o *Hip Hop* e a educação na cidade de Feira de Santana, possibilitou conhecer a articulação entre tal cultura e o seu papel na ressignificação das experiências escolares e de inserção social, bem como as relações identitárias construídas por estes jovens.

Foi possível perceber que a escola enquanto um ambiente de discussão e socialização nem sempre dá conta de abrigar a diversidade no que se refere às discussões sobre a construção/valorização de uma identidade negra, desigualdades sociais, etc. Esse espaço só foi encontrado por meio da participação no movimento *Hip Hop*, que através de reuniões em grupos de discussão permitindo a criação de um espaço de diálogo e reflexão, possibilitando a tomada de uma consciência crítica e denunciadora. Assim, se essas questões não eram contempladas no espaço escolar, esses jovens acabaram por criar outros meios onde seus projetos, anseios e perspectivas pudessem ser colocados em pauta.

REFERÊNCIAS

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GODIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado**: Discussões sobre a entrevista na perspectiva qualitativa. *Paidéia*, 2004, 14 (28), 139 -152

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

MACA, Nelson. **Algumas reflexões sobre Hip Hop e baianidade**. *Revista Palmares. Cultura Afro-Brasileira*. Ano I – Numero 2 – Dezembro 2005. ISSN 1808 – 7280.

WELLER, Wivian. **O hip hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo**. *Caderno CRH*, Salvador, v. 17, n. 40, p. 103-115, 2004.